



Textos para Discussão 017 | 2013

Discussion Paper 017 | 2013

Transformações globais, poder efetivo e o protagonismo da China

Eduardo Costa Pinto

Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reinaldo Gonçalves

Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

This paper can be downloaded without charge from <http://www.ie.ufrj.br/>

Transformações globais, poder efetivo e o protagonismo da China

Outubro, 2013

Eduardo Costa Pinto

Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Reinaldo Gonçalves

Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este artigo examina as principais transformações na era da globalização econômica, bem como seus impactos sobre o poder efetivo dos países de maior importância na arena internacional. A análise da evolução do poder efetivo dos países abarca as esferas comercial, produtiva, tecnológica, monetária e financeira. Os principais resultados são: a redução relativa do poder econômico efetivo dos Estados Unidos; o crescente poder efetivo da China na economia mundial; e, a elevada vulnerabilidade externa estrutural de algumas das principais economias do mundo em desenvolvimento, com destaque para o Brasil.

Abstract

This paper analyses the main changes in the global economy as well as their effects on the real power of countries that have a great potential power. The analysis of the evolution of the effective power in the era of economic globalization deals with the trade, productive, technological, monetary and financial dimensions. The main conclusions are: the relative reduction of the real economic power of the United States; China has been successful in the effective use of power in the world economy; and, the significant structural external vulnerability of developing countries with great potential power, such as Brazil.

Introdução

O processo de globalização econômica avança significativamente a partir das últimas duas décadas do século passado. Este processo tem causado profundas transformações nas estruturas e relações econômicas. Em particular, tem havido alterações no poder relativo dos mais importantes países. No conjunto das transformações, a mais evidente é, de um lado, a redução relativa do protagonismo dos Estados Unidos e, do outro, a ascensão da China como poder econômico. A “locomotiva” estadunidense perde força ao mesmo tempo em que a economia chinesa ganha cada vez mais relevância na arena internacional. No mundo desenvolvido e em desenvolvimento constatam-se mudanças expressivas nas posições relativas no sistema econômico internacional nas esferas comercial, produtiva, tecnológica, monetária e financeira. E, portanto, configura-se nova divisão internacional da produção e do trabalho. Vale ressaltar que essas transformações globais têm também agravado a situação de vulnerabilidade externa estrutural de países com grande poder potencial que não têm sido capazes de se proteger (por meio de estratégias nacionais) dos desafios e problemas causados pelo processo da globalização.

O objetivo deste artigo é discutir as principais transformações no âmbito da economia mundial e seus impactos sobre o poder efetivo dos países de maior importância na arena internacional (maior poder potencial). O artigo está dividido em quatro seções que seguem esta introdução. A seção 1 apresenta de forma concisa os fundamentos conceituais e analíticos. Na seção 2 são analisadas as principais mudanças nas esferas comercial, produtiva, tecnológica, monetária e financeira das relações econômicas internacionais que afetam os principais países. É apresentada evidência sobre a redução relativa do poder efetivo dos Estados Unidos (que ainda mantêm elevada concentração de poder econômico), o crescente papel da China e a vulnerabilidade externa estrutural das principais economias do mundo em desenvolvimento (com destaque para o Brasil). A seção 3 discute a nova divisão internacional do trabalho em que a China aparece como a “fábrica do mundo”; ou seja, a economia chinesa é um dos eixos estruturantes das cadeias produtivas globais. A seção 4 examina importantes processos globais decorrentes do dinamismo e do protagonismo econômico da China. O artigo conclui com a síntese dos principais resultados.

1 Breve arcabouço conceitual

Os conceitos-chave usados neste texto são os seguintes: globalização econômica, poder potencial e vulnerabilidade externa. A globalização é o processo marcante da economia mundial, que captura suas principais tendências, e se caracteriza pela ocorrência simultânea de 3 processos: 1) expansão da internacionalização da produção e dos fluxos internacionais de capital; 2) maior contestabilidade do mercado internacional de bens, serviços e capital; e, 3) maior interdependência entre sistemas econômicos nacionais nas esferas comercial, produtiva, tecnológica, monetária e financeira.

A expansão da internacionalização da produção ocorre via comércio internacional de bens e serviços (esfera comercial), fluxos de investimento externo direto comandados principalmente pelas empresas transnacionais (esfera produtiva), fluxos internacionais de ativos intangíveis (esfera tecnológica) e fluxos internacionais de capital (investimento externo indireto ou de portfólio, empréstimos, financiamentos, etc.). A maior contestabilidade ou rivalidade no mercado internacional é o acirramento da concorrência em escala global. A maior interdependência ocorre na medida em que a produção de bens e serviços, bem como o funcionamento dos mercados em cada país, é cada vez mais influenciada por pressões, fatores desestabilizadores e choques no resto do mundo e, em particular, no epicentro do sistema econômico internacional. Portanto, os desempenhos da locomotiva estadunidense e das sublocomotivas alemã, chinesa e japonesa têm impacto sobre o desempenho dos vagões de 1ª, 2ª e 3ª classes que estão no centro ou na periferia do sistema econômico internacional.

A base material de poder de cada país expressa o seu poder potencial. Poder significa a capacidade ou a probabilidade de cada país exercer sua própria vontade independentemente da vontade alheia. *Contrario sensu*, a vulnerabilidade expressa a capacidade, em razão inversa, de resistência a pressões, fatores desestabilizadores e choques externos. Ou seja, alta vulnerabilidade externa significa baixo poder efetivo. Portanto, ainda que a base material de poder informe o poder potencial do país, as condições de vulnerabilidade externa definem o poder efetivo. A diferença entre o poder potencial e o poder efetivo é o hiato de poder.

2 Transformações globais e poder efetivo

O sistema de estatísticas das Nações Unidas tem registros para 237 países. No entanto, o sistema internacional é muito hierarquizado visto que 25 países concentram a maior parte da população, do território e da renda. De fato, o “top” 25 responde por 75% da população e do território e 85% da renda global. Isto significa que a base material de poder ou o poder potencial dos países varia significativamente. A mensuração do poder potencial pode ser feito a partir destas 3 variáveis com o cálculo de índices (de zero, menor poder, a 100, maior poder). O Índice de Poder Potencial (IPP) é a média simples dos índices para cada uma das 3 variáveis (GONÇALVES, 2005, cap. 5), como mostra a Tabela 1.

Tabela 1: Base Material de Poder - Índice de Poder Potencial - "Top" 25: 1980 e 2012

| | 1980 | | 2011 | |
|----|----------------------|------|----------------|------|
| 1 | Estados Unidos | 94,8 | China | 96,7 |
| 2 | Rússia – URSS | 92,5 | Estados Unidos | 95,4 |
| 3 | China | 91,3 | Índia | 91,8 |
| 4 | Índia | 88,0 | Rússia | 89,3 |
| 5 | Brasil | 87,9 | Brasil | 89,1 |
| 6 | Japão | 84,9 | Canadá | 85,3 |
| 7 | Canadá | 84,4 | México | 84,6 |
| 8 | México | 83,4 | Japão | 84,6 |
| 9 | França | 82,5 | Indonésia | 84,5 |
| 10 | Alemanha (Ocidental) | 82,4 | Austrália | 83,4 |
| 11 | Austrália | 81,7 | Alemanha | 82,6 |
| 12 | Indonésia | 81,4 | França | 82,4 |
| 13 | Itália | 81,1 | Turquia | 80,8 |
| 14 | Reino Unido | 80,8 | Reino Unido | 80,8 |
| 15 | Espanha | 79,6 | Irã | 80,5 |
| 16 | Argentina | 79,0 | Nigéria | 80,5 |
| 17 | Turquia | 78,2 | Itália | 80,4 |
| 18 | África do Sul | 77,9 | Argentina | 80,3 |
| 19 | Irã | 77,9 | Espanha | 80,1 |
| 20 | Nigéria | 77,8 | Pakistão | 79,9 |
| 21 | Arábia Saudita | 77,2 | Arábia Saudita | 79,8 |
| 22 | Pakistão | 76,2 | África do Sul | 79,3 |
| 23 | Polônia | 76,2 | Egito | 78,4 |
| 24 | Argélia | 76,0 | Colômbia | 78,2 |
| 25 | Colômbia | 75,9 | Argélia | 78,1 |

Fontes e notas: World Bank. World Development Indicators. Disponível:

<http://search.worldbank.org/data?qterm=area&language=EM>; UNCTAD, UNCTADstat. Disponível:

<http://unctad.org/en/Pages/Statistics.aspx/>. O Índice de Poder Potencial é calculado com base no tamanho do território, da população e do Produto Interno Bruto. Ele varia de zero (menor poder) a 100 (maior poder). Para detalhes sobre a metodologia de cálculo, ver Gonçalves (2005), cap. 5.

No período de globalização a partir de 1980 os Estados Unidos e Rússia perdem posições relativas enquanto China e Índia têm avanços significativos. Os países que ganham pelo menos duas posições no *rank* mundial ("top" 25) são: China, Indonésia, Turquia, Irão, Nigéria e Egito. Os países que perdem pelo menos duas posições são: Rússia, Japão, França, Itália, Espanha, Argentina, África do Sul e Polônia. Os países que não sofreram mudanças nas suas posições são Reino Unido, Arábia Saudita e Brasil. Dentre os fatos históricos de maior relevância que afetaram o poder potencial em escala global são a reunificação da Alemanha em 1990 (aumento de território de 45%) e a ruptura do bloco soviético em 1991 (redução do território de 27%). Durante o período de globalização, o "top" 5 continua composto dos Estados Unidos e dos chamados BRICS (Brasil, Rússia, Índia e China). Entretanto, o maior destaque é, sem dúvida alguma, a ascensão da China para a posição máxima no *rank* mundial de poder potencial e o conseqüente deslocamento dos Estados Unidos para a segunda posição.

A extraordinária ascensão da China é evidente quando se considera a participação de cada país na renda mundial. Na Tabela 2 constata-se que a participação dos Estados Unidos na renda mundial (PIB) cai continuamente de 24,7% em 1980 para 18,6% em 2013 enquanto a participação da China aumenta continua e extraordinariamente de 2,2% em 1980 para 15,6% em 2013. As previsões do FMI são de que o PIB chinês deverá superar o PIB estadunidense nos próximos anos. A participação do "top" 10 no PIB mundial aumenta de 60,6% em 1980 para 62,6% em 2013. Os Estados Unidos é, sem dúvida alguma, o maior perdedor. Entretanto, o extraordinário ganho relativo da China ocorre em detrimento de todas as maiores economias do mundo, com exceção da Índia, que experimenta aumento de sua participação relativa entre 1980 (2,5%) e 2013 (5,8%). O Brasil, por exemplo, sofre redução de sua participação de 3,9% em 1980 para 2,8% em 2013. Portanto, na era da globalização a China passa do papel de figurante a protagonista no processo de produção e geração de renda em escala global.

Tabela 2: Participação percentual das principais economias na renda mundial: 1980-2018

| | | Anos selecionados | | | | Acumulado | | | |
|----|----------------|-------------------|------|------|------|-----------|------|------|------|
| | | 1980 | 2000 | 2013 | 2018 | 1980 | 2000 | 2013 | 2018 |
| 1 | Estados Unidos | 24,7 | 23,5 | 18,6 | 17,7 | 24,7 | 23,5 | 18,6 | 17,7 |
| 2 | China | 2,2 | 7,1 | 15,6 | 19,0 | 26,9 | 30,6 | 34,2 | 36,7 |
| 3 | Índia | 2,5 | 3,7 | 5,8 | 6,5 | 29,4 | 34,3 | 40,0 | 43,1 |
| 4 | Japão | 8,8 | 7,7 | 5,5 | 4,7 | 38,2 | 42,0 | 45,5 | 47,8 |
| 5 | Alemanha | 6,7 | 5,1 | 3,7 | 3,2 | 45,0 | 47,1 | 49,2 | 51,1 |
| 6 | Rússia | | 2,6 | 3,0 | 2,9 | 45,0 | 49,7 | 52,3 | 54,0 |
| 7 | Brasil | 3,9 | 2,9 | 2,8 | 2,8 | 48,9 | 52,6 | 55,1 | 56,8 |
| 8 | Reino Unido | 4,0 | 3,5 | 2,7 | 2,4 | 52,9 | 56,1 | 57,8 | 59,3 |
| 9 | França | 4,8 | 3,6 | 2,6 | 2,3 | 57,6 | 59,8 | 60,5 | 61,6 |
| 10 | México | 3,0 | 2,5 | 2,1 | 2,0 | 60,6 | 62,3 | 62,6 | 63,6 |

Fonte e notas: FMI, *World Economic Outlook Database*. Disponível: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2013/01/weodata>. Acesso: 8 de agosto de 2013. Painel de 188 países. Dados referem-se ao Produto Interno Bruto, PPP (paridade do poder de compra). Países em ordem decrescente da participação em 2013. Dados de 2013 e 2018 são estimativas e projeções do FMI.

O enorme dinamismo da economia chinesa é expresso pela variação da sua participação relativa na renda mundial e pela sua taxa de crescimento médio anual da renda *per capita*. Como mostra a Tabela 3 o ganho extraordinário de 13,4 pontos de percentagem da China está associado ao crescimento médio anual da renda *per capita* real de 8,6% no período 1980-2013. Vale notar que o conjunto dos 10 países com maiores ganhos relativos é composto de países asiáticos: China, Índia, Coreia do Sul, Indonésia, etc. Por outro lado, há notável distribuição geográfica no conjunto dos perdedores: Ásia (Japão), Europa (as maiores economias - Alemanha, França, Itália, Reino Unido e Espanha) e as maiores economias das Américas (Estados Unidos, Brasil, México e Canadá). No *rank* mundial de perdedores, o Brasil ocupa a 7ª posição segundo a variação da participação relativa, e a 1ª posição (juntamente com a Itália) quando se considera o crescimento médio anual da renda *per capita* (0,9%). Vale notar que na era da globalização, a renda *per capita* brasileira cresceu menos do que a renda *per capita* dos principais países desenvolvidos (com exceção da Itália) e do conjunto da economia mundial (1,3%). Comparativamente aos grandes *players*, cabe destacar que a taxa de crescimento médio anual da renda *per capita* do Brasil é um nono da taxa correspondente da China e, praticamente, um quarto da taxa da Índia e um quarto da taxa dos Estados Unidos. Ou seja, é evidente o maior subdesenvolvimento econômico do Brasil na era da globalização (Gonçalves, 2013).

Tabela 3: Variação da participação percentual das principais economias na renda mundial - principais ganhadores e perdedores: 1980-2013

| Ganhadores | | Perdedores | | | | |
|------------|----------------|--|--|----------------|--|--|
| | | Varição da part. relativa na renda mundial | Taxa de crescimento médio anual da renda <i>per capita</i> | | Varição da part. relativa na renda mundial | Taxa de crescimento médio anual da renda <i>per capita</i> |
| 1 | China | 13,4 | 8,6 | Estados Unidos | -6,1 | 1,6 |
| 2 | Índia | 3,2 | 4,1 | Japão | -3,3 | 1,7 |
| 3 | Coreia do Sul | 1,2 | 5,4 | Alemanha | -3,0 | 1,5 |
| 4 | Indonésia | 0,6 | 3,3 | Itália | -2,4 | 0,9 |
| 5 | Taiwan (China) | 0,5 | 4,6 | França | -2,1 | 1,1 |
| 6 | Tailândia | 0,4 | 4,2 | Reino Unido | -1,2 | 1,9 |
| 7 | Turquia | 0,3 | 2,4 | Brasil | -1,1 | 0,9 |
| 8 | Malásia | 0,3 | 3,3 | México | -0,9 | 0,8 |
| 9 | Vietnã | 0,2 | 4,9 | Espanha | -0,8 | 1,6 |
| 10 | Cingapura | 0,2 | 3,9 | Canadá | -0,7 | 1,3 |
| | Total | 20,4 | 4,5 | Total | -21,6 | 1,3 |

Fonte e notas: FMI, World Economic Outlook Database. Disponível: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2013/01/weodata>. Acesso: 8 de agosto de 2013. Painel de 188 países. Dados referem-se ao Produto Interno Bruto, PPP (paridade do poder de compra). Dados de 2013 são estimativas do FMI. Foram excluídos os membros da antiga URSS. A taxa de crescimento da renda *per capita* de cada país é a média geométrica ponta a ponta. A taxa média de cada grupo é a média aritmética. Países ordenados em ordem decrescente de ganhos e perdas relativos.

Agora, passemos à análise da evolução do poder efetivo dos países na era da globalização. Os indicadores referem-se às esferas comercial, produtiva, tecnológica, monetária e financeira. A característica marcante da globalização comercial é, indubitavelmente, o aumento extraordinário da competitividade internacional da China no sistema mundial de comércio de bens. A participação da China nas exportações mundiais salta de 0,9% em 1980 para 11,2% em 2012 (Tabela 4). Portanto, a China tornou-se o mais importante exportador de bens do mundo, seguida dos Estados Unidos e da Alemanha. O aumento da participação da China ocorre em detrimento da participação das principais economias desenvolvidas. No conjunto dos países com maior poder potencial, há que se destacar o aumento da competitividade internacional da Índia, Rússia e México. Os 20 principais exportadores mundiais de bens respondem por 70% do valor das exportações em 2012 e países como Brasil, Indonésia, Egito, África do Sul, Argentina e Turquia, ainda que tenham elevado poder potencial, não se encontram neste grupo.

Tabela 4: Participação percentual nas exportações mundiais de bens: 1980-2012 (anos selecionados)

| | 1980 | 1990 | 2000 | 2010 | 2012 |
|---------------------------|------|------|------|------|------|
| 1 China | 0,9 | 1,8 | 3,9 | 10,3 | 11,2 |
| 2 Estados Unidos | 11,0 | 11,3 | 12,1 | 8,4 | 8,4 |
| 3 Alemanha | | 12,0 | 8,5 | 8,2 | 7,7 |
| 4 Japão | 6,4 | 8,2 | 7,4 | 5,0 | 4,4 |
| 5 Holanda | 4,1 | 3,8 | 3,6 | 3,8 | 3,6 |
| 6 França | 5,7 | 6,2 | 5,1 | 3,4 | 3,1 |
| 7 Coreia do Sul | 0,9 | 1,9 | 2,7 | 3,1 | 3,0 |
| 8 Rússia | | | 1,6 | 2,6 | 2,9 |
| 9 Itália | 3,8 | 4,9 | 3,7 | 2,9 | 2,7 |
| 10 Hong Kong (China) | 1,0 | 2,4 | 3,1 | 2,6 | 2,7 |
| 11 Reino Unido | 5,4 | 5,3 | 4,4 | 2,7 | 2,6 |
| 12 Canadá | 3,3 | 3,7 | 4,3 | 2,5 | 2,5 |
| 13 Bélgica | 3,1 | 3,4 | 2,9 | 2,7 | 2,4 |
| 14 Cingapura | 0,9 | 1,5 | 2,1 | 2,3 | 2,2 |
| 15 Arábia Saudita | 5,3 | 1,3 | 1,2 | 1,6 | 2,1 |
| 16 México | 0,9 | 1,2 | 2,6 | 2,0 | 2,0 |
| 17 Taiwan (China) | 1,0 | 1,9 | 2,3 | 1,8 | 1,6 |
| 18 Emirados Árabes Unidos | | 0,7 | 0,8 | 1,4 | 1,6 |
| 19 Índia | 0,4 | 0,5 | 0,7 | 1,5 | 1,6 |
| 20 Espanha | 1,0 | 1,6 | 1,8 | 1,7 | 1,6 |
| Total | 55,1 | 73,3 | 74,9 | 70,5 | 70,0 |

Fonte e notas: UNCTAD, UNCTADSTAT. Disponível: <http://unctadstat.unctad.org/>. Acesso: 8 de agosto de 2013. Países em ordem decrescente da participação em 2012.

No que se refere à globalização produtiva, a Tabela 5 mostra mudanças importantes na era da globalização. A primeira é a perda de importância relativa dos Estados como receptor de investimento estrangeiro direto (IED, estoque). Quedas significativas também ocorreram na Alemanha, Reino Unido, Canadá, Hong Kong e Itália. Ganhos relativos ocorreram nos casos da China, Brasil, Rússia, Cingapura e Bélgica. Vale notar que a participação relativa do Brasil e da Índia no estoque mundial de IED é aproximadamente igual à participação destes países no PIB mundial (cerca de 3%), no caso da China a participação no estoque mundial de IED (3,7%) está muito aquém da participação deste país na renda mundial (15,3% em 2012). Isto implica baixo coeficiente de desnacionalização da economia chinesa; ou seja, baixo grau de vulnerabilidade externa estrutural na esfera produtivo-real.

Tabela 5: Investimento estrangeiro direto nas principais economias - participação percentual no estoque total mundial: 1990-2012 (anos selecionados)

| | | 1990 | 2000 | 2012 | Varição 1990-2012 |
|----|-------------------|------|------|------|-------------------|
| 1 | Estados Unidos | 26,0 | 37,1 | 17,2 | -8,7 |
| 2 | Hong Kong (China) | 9,7 | 6,5 | 6,2 | -3,5 |
| 3 | Reino Unido | 9,8 | 6,2 | 5,8 | -4,0 |
| 4 | França | 4,7 | 5,2 | 4,8 | 0,1 |
| 5 | Bélgica | 2,8 | 2,6 | 4,4 | 1,6 |
| 6 | China | 1,0 | 2,6 | 3,7 | 2,7 |
| 7 | Alemanha | 5,4 | 3,6 | 3,1 | -2,2 |
| 8 | Brasil | 1,8 | 1,6 | 3,1 | 1,3 |
| 9 | Cingapura | 1,5 | 1,5 | 3,0 | 1,5 |
| 10 | Suíça | 1,6 | 1,2 | 2,9 | 1,3 |
| 11 | Canadá | 5,4 | 2,8 | 2,8 | -2,6 |
| 12 | Espanha | 3,2 | 2,1 | 2,8 | -0,4 |
| 13 | Austrália | 3,9 | 1,6 | 2,7 | -1,2 |
| 14 | Holanda | 3,3 | 3,2 | 2,5 | -0,8 |
| 15 | Rússia | 0,0 | 0,4 | 2,2 | 1,8 |
| 16 | Suécia | 0,6 | 1,2 | 1,6 | 1,0 |
| 17 | Ilhas Virgens | 0,0 | 0,4 | 1,6 | 1,6 |
| 18 | Itália | 2,9 | 1,6 | 1,6 | -1,3 |
| 19 | México | 1,1 | 1,4 | 1,4 | 0,3 |
| 20 | Irlanda | 1,8 | 1,7 | 1,3 | -0,5 |
| | Total | 86,4 | 84,5 | 74,8 | -11,7 |

Fonte e notas: UNCTAD, UNCTADSTAT. Disponível: <http://unctadstat.unctad.org/>. Acesso: 8 de agosto de 2013. Países em ordem decrescente da participação em 2012. No caso da Rússia a variação refere-se ao período 2000-12.

A ruptura do paradigma tecnológico é uma das causas da globalização. O paradigma assentado na informática e nas telecomunicações tem gerado novos bens e serviços. Este paradigma também reduz os custos de transação das operações internacionais visto que permite maior controle sobre estas operações. Há, ainda, a reconfiguração do processo de integração produtiva em escala global a partir de novas formas de gestão do trabalho, de padrões de automação informatizada (produção modular) e da organização industrial por meio das cadeias de produção global¹.

A Tabela 6 apresenta os países com maior poder potencial (base material de poder) e índices de inovação tecnológica. Esta tabela exclui alguns países que não têm base material de poder elevada (Suíça, Holanda, Finlândia, Israel, etc.) embora tenham forte dinamismo tecnológico. O Índice de Produção de Inovação (IPI) mostra o alto

¹ Para uma discussão detalhada ver Sturgeon (2002), Whittaker *et al* (2008), OECD (2013) e UNCTAD (2013).

desempenho de países desenvolvidos como Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Canadá e França. A surpresa fica por conta da 33ª posição do Japão. É provável que este menor dinamismo tecnológico do Japão em relação aos outros países desenvolvidos seja a principal explicação do fato de que, com a ascensão da China, o Japão tenha sido o principal perdedor de posições no sistema econômico internacional. No conjunto dos países em desenvolvimento o destaque é a China, que ocupa a 25ª posição no *rank* mundial. Outros países em desenvolvimento com grande base material de poder têm resultados insatisfatórios visto que se situam perto da mediana dos índices. Outrossim, no painel dos 25 países com as maiores bases materiais de poder, a correlação entre o Índice de Poder Potencial e o Índice de Produção de Inovação é baixa (0,384) principalmente em função da presença dos *outliers*, ou seja, os 5 grandes (China, Estados Unidos, Rússia, Índia e Brasil) que se situam bem abaixo da curva de regressão linear.

Tabela 6: Índice de Poder Potencial e Índices de Inovação Tecnológica - "Top" 25

| | | Índice de Poder Potencial (IPP) 2011 | Índice de Produção de Inovação 2013 | Índice de Produção de Inovação 2013 – <i>rank</i> |
|----|----------------|--------------------------------------|-------------------------------------|---|
| 1 | China | 96,7 | 44,1 | 25 |
| 2 | Estados Unidos | 95,4 | 51,4 | 12 |
| 3 | Índia | 91,8 | 36,6 | 42 |
| 4 | Rússia | 89,3 | 30,6 | 72 |
| 5 | Brasil | 89,1 | 31,8 | 68 |
| 6 | Canadá | 85,3 | 50,5 | 13 |
| 7 | México | 84,6 | 32,9 | 60 |
| 8 | Japão | 84,6 | 41,6 | 33 |
| 9 | Indonésia | 84,5 | 32,6 | 62 |
| 10 | Austrália | 83,4 | 42,0 | 32 |
| 11 | Alemanha | 82,6 | 51,9 | 10 |
| 12 | França | 82,4 | 46,6 | 17 |
| 13 | Turquia | 80,8 | 34,1 | 53 |
| 14 | Reino Unido | 80,8 | 54,3 | 4 |
| 15 | Irã | 80,5 | 22,2 | 120 |
| 16 | Nigéria | 80,5 | 26,9 | 97 |
| 17 | Itália | 80,4 | 42,4 | 29 |
| 18 | Argentina | 80,3 | 36,6 | 43 |
| 19 | Espanha | 80,1 | 41,0 | 35 |
| 20 | Pakistão | 79,9 | 23,0 | 113 |
| 21 | Arábia Saudita | 79,8 | 36,5 | 44 |
| 22 | África do Sul | 79,3 | 31,3 | 71 |
| 23 | Egito | 78,4 | 23,2 | 112 |
| 24 | Colômbia | 78,2 | 32,3 | 65 |
| 25 | Argélia | 78,1 | 14,6 | 141 |

Fontes e notas: Tabela 1 e Cornell University, INSEAD e WIPO. *The Global Innovation Index 2013: The Local Dynamics of Innovation*. Geneva, Ithaca e Fontainebleau, 2013. Países ordenados na ordem

decrecente do Índice Poder Potencial (IPP). O Índice de Produção de Inovação (IOI - *Innovation Output Index*) é calculado com indicadores de produção de conhecimento e tecnologia, ativos intangíveis e produção de bens e serviços criativos. (Ibid, p. 6 e p. 14-15). Painel: 142 países.

A esfera monetário-financeira internacional também se expande extraordinariamente na era da globalização. A liquidez internacional, informada pelo estoque das reservas internacionais, cresceu 25 vezes no período 1980-2012. Vale notar que neste período o PIB nominal mundial cresceu 7 vezes. A globalização monetária também implica mudança significativa na distribuição das reservas mundiais. Como mostra a Tabela 7, mais uma vez, há o protagonismo da China, que passa de 0,7% das reservas mundiais em 1980 para 29,0% em 2012. No ciclo de expansão da liquidez na primeira década do século XXI alguns países em desenvolvimento (principalmente Brasil, Índia e Rússia) tiveram aumento expressivo das suas reservas internacionais. Neste período, as perdas de posição relativa são particularmente evidentes no Japão, Estados Unidos e alguns países asiáticos (Coreia do Sul, Hong Kong, Cingapura, etc.).

No que se refere à liquidez cabe mencionar ainda a elevada concentração. O “top” 20 tem mais de 80% das reservas mundiais. De fato, China e Japão detêm 40% das reservas mundiais. O fato extraordinário é que somente a China detém 29,0% das reservas mundiais em 2012 (mais de US\$ 3,3 trilhões). Neste ponto cabe destacar que a China e o Japão são os dois maiores países detentores de títulos do Tesouro dos Estados Unidos. Em dezembro de 2012 China tinha US\$ 1,2 trilhão e o Japão US\$ 1,1 trilhão, ou seja 21,1% e 19,9%, respectivamente, do total do valor dos títulos do Tesouro dos Estados Unidos nas mãos de estrangeiros (<http://www.treasury.gov/resource-center/data-chart-center/tic/Pages/index.aspx>).

Tabela 7: Reservas internacionais dos principais países: 1980-2012 (anos selecionados) (% e US\$ bilhões)

| | 1980 | 1990 | 2000 | 2012 | Participação acumulada 2012 |
|-----------------------|-------|-------|-------|--------|-----------------------------|
| 1 China | 0,7 | 3,1 | 8,3 | 29,0 | 29,0 |
| 2 Japão | 5,6 | 8,1 | 17,5 | 10,7 | 39,7 |
| 3 Arábia Saudita | 5,1 | 1,2 | 1,0 | 5,7 | 45,5 |
| 4 Rússia | | | 1,2 | 4,3 | 49,7 |
| 5 Suíça | 4,2 | 3,4 | 1,8 | 4,2 | 53,9 |
| 6 Taiwan (China) | 0,5 | 7,4 | 5,3 | 3,5 | 57,4 |
| 7 Brasil | 1,3 | 0,8 | 1,6 | 3,2 | 60,6 |
| 8 Coreia do Sul | 0,6 | 1,5 | 4,7 | 2,8 | 63,4 |
| 9 Hong Kong (China) | 1,1 | 2,5 | 5,3 | 2,8 | 66,2 |
| 10 Índia | 1,6 | 0,2 | 1,9 | 2,4 | 68,6 |
| 11 Cingapura | 1,4 | 2,8 | 3,9 | 2,3 | 70,8 |
| 12 Argélia | 0,9 | 0,1 | 0,6 | 1,7 | 72,5 |
| 13 Tailândia | 0,4 | 1,4 | 1,6 | 1,5 | 74,0 |
| 14 México | 0,7 | 1,0 | 1,7 | 1,4 | 75,4 |
| 15 Estados Unidos | 5,9 | 8,7 | 3,4 | 1,3 | 76,7 |
| 16 Malásia | 1,0 | 1,0 | 1,4 | 1,2 | 77,9 |
| 17 Líbia | 2,9 | 0,6 | 0,6 | 1,0 | 78,9 |
| 18 Indonésia | | | | 0,9 | 79,9 |
| 19 Polônia | 0,0 | 0,5 | 1,3 | 0,9 | 80,8 |
| 20 Turquia | 0,3 | 0,6 | 1,1 | 0,9 | 81,7 |
| Subtotal | 34,1 | 44,8 | 64,0 | 81,7 | 81,7 |
| Total mundial | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Montante total (US\$) | 461 | 985 | 2.040 | 11.480 | |

Fonte e notas: UNCTAD, UNCTADSTAT. Disponível: <http://unctadstat.unctad.org/>. Acesso: 8 de agosto de 2013. Países em ordem decrescente da participação em 2012. Reservas inclusive ouro.

Ainda no que se refere à globalização monetária cabe mencionar que o mercado mundial de câmbio expandiu-se extraordinariamente. O montante médio diário de transações em moedas aumentou de US\$ 1.633 bilhões em 1995 para US\$ 5.056 bilhões em 2010, como mostra a Tabela 8. O crescimento é particularmente forte na primeira década do século XXI. O Japão e os países europeus perderam posição relativa, com a exceção do Reino Unido que aumentou ainda mais seu protagonismo no sistema financeiro internacional. Os Estados Unidos apresentam pequeno ganho relativo no período em questão. Outros países com grande base material de poder (China, Rússia, Brasil, Índia, etc.) não desempenham papel relevante no mercado de câmbio global.

Tabela 8: Mercado de câmbio global - distribuição geográfica das transações: 1995, 2001 e 2010 (percentual , US\$ bilhões, média diária mês de abril)

| | | 1995 | 2001 | 2010 |
|----|-----------------------|-------------|-------------|-------------|
| 1 | Reino Unido | 29,3 | 31,8 | 36,7 |
| 2 | Estados Unidos | 16,3 | 16,0 | 17,9 |
| 3 | Japão | 10,3 | 9,0 | 6,2 |
| 4 | Cingapura | 6,6 | 6,1 | 5,3 |
| 5 | Suíça | 5,4 | 4,5 | 5,2 |
| 6 | Hong Kong (China) | 5,6 | 4,0 | 4,7 |
| 7 | Austrália | 2,5 | 3,2 | 3,8 |
| 8 | França | 3,8 | 2,9 | 3,0 |
| 9 | Dinamarca | 1,9 | 1,4 | 2,4 |
| 10 | Alemanha | 4,8 | 5,4 | 2,1 |
| | Outros | 13,5 | 15,9 | 12,8 |
| | Total | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| | Montante total (US\$) | 1.633 | 1.705 | 5.056 |

Fonte e notas: Bank for International Settlements, Basileia. Triennial Central Bank Survey of Foreign Exchange and Derivatives Market Activity in 2010 - Final results. Disponível: <http://www.bis.org/publ/rpfx10t.htm>. Acesso: 8 de agosto de 2013. Países em ordem decrescente de participação em 2010.

Como mostra a Tabela 9, o dólar e o euro responderam por 85,3% das transações dos principais pares de moedas no mercado de câmbio global em 2010. A terceira moeda de maior importância é o ien japonês. No que se refere aos países em desenvolvimento com elevada base material de poder (China, Índia, Rússia, Brasil, etc.), as suas moedas tem uso restrito no sistema monetário internacional não somente como meios de pagamento e reserva de valor, bom também como unidade de conta.

Tabela 9: Mercado de câmbio global - distribuição das transações por pares de moedas: 1995-2010 (anos selecionados) (percentual, US\$ bilhões, média diária mês de abril)

| Par de moedas | 2001 | | 2010 | |
|-------------------------------|---------|-----------|-------|-----------|
| | % | Acumulado | % | Acumulado |
| 1 USD/EUR (euro) | 30,0 | 30,0 | 27,7 | 27,7 |
| 2 USD/JPY (ien japonês) | 20,2 | 50,2 | 14,3 | 41,9 |
| 3 USD/Outras | 12,2 | 62,5 | 11,2 | 53,1 |
| 4 USD/GBP (libra esterlina) | 10,4 | 72,9 | 9,1 | 62,2 |
| 5 USD/AUD (dólar australiano) | 4,1 | 77,0 | 6,2 | 68,4 |
| 6 USD/CAD (dólar canadense) | 4,3 | 81,3 | 4,6 | 73,0 |
| 7 USD/CHF (franco suíço) | 4,8 | 86,1 | 4,2 | 77,2 |
| 8 EUR/JPY (ien japonês) | 2,9 | 89,0 | 2,8 | 80,0 |
| 9 EUR/GBP (libra esterlina) | 2,1 | 91,2 | 2,7 | 82,7 |
| 10 EUR/Outras | 1,4 | 92,5 | 2,6 | 85,3 |
| Outras | 7,5 | 100,0 | 14,7 | 100,0 |
| Total | 100,0 | | 100,0 | |
| Montante total (US\$) | 1.239,0 | | 3.981 | |

Fonte e notas: Bank for International Settlements, Basileia. *Triennial Central Bank Survey of Foreign Exchange and Derivatives Market Activity in 2010 - Final results*. Disponível: <http://www.bis.org/publ/rpfx10t.htm>. Acesso: 8 de agosto de 2013. Países em ordem decrescente da participação em 2012. Dados das tabelas 7 e 8 não são comparáveis devido a diferenças de conceitos e cobertura da amostra. USD - dólar dos Estados Unidos.

A criação do euro em 1999 e sua entrada em circulação (notas e moedas) em 2002 implicava ameaça à hegemonia do dólar dos Estados Unidos. Entretanto, desde a sua criação, o euro não expandiu a sua participação no total das reservas internacionais quando se considera o peso relativo do conjunto das moedas europeias que ele substituiu (marco alemão, franco francês, florim holandês e *European Currency Unit*). Mais recentemente (crise financeira internacional), a participação do euro caiu de 16,1% em 2007 para 13,3% em 2012 entre as reservas identificadas dos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Nesse sentido, o euro não afetou hegemonia do dólar (Cintra e Martins, 2013).

As mudanças no sistema monetário e no sistema financeiro internacional refletem-se na posição líquida de investimento internacional (PLI) dos países. A PLI é a diferença entre o ativo e o passivo externo. Desequilíbrios de estoque caracterizam situações de vulnerabilidade externa estrutural na esfera financeira. Os dados da Tabela 10 mostram que os Estados Unidos têm o mais elevado passivo externo líquido (PLI negativo de US\$ 3,9 trilhões em 2012), seguido da Espanha, Austrália e Brasil. Não obstante, vale lembrar que os Estados Unidos são o centro do sistema monetário internacional e do sistema

financeiro internacional pois o dólar é a principal moeda de curso internacional nas funções de unidade de conta, reserva de valor e meio de pagamento.

No conjunto dos países mais importantes, os que têm os mais elevados ativos externos líquidos (PLI positivo) são Japão, China e Alemanha. Portanto, esses países têm baixa vulnerabilidade externa estrutural na esfera financeira. No mundo em desenvolvimento, os países com maior vulnerabilidade externa estrutural financeira são Brasil, México, Turquia, Indonésia e Índia. O Brasil, por exemplo, estava “a descoberto” em US\$ 727 bilhões em 2012, enquanto a China estava com PLI positiva de US\$ 1,7 trilhão. Considerando esse indicador de desequilíbrio de estoque, o Brasil é, de longe, o país em desenvolvimento com a maior vulnerabilidade externa estrutural financeira. Vale notar, ainda, que o passivo externo líquido do país duplicou entre 2006 e 2012.

Tabela 10: Posição líquida de investimento internacional (US\$ bilhões, anos selecionados) – 2006-12

| | 2006 | 2009 | 2011 | 2012 |
|------------------|--------|--------|--------|--------|
| Estados Unidos | -2.192 | -2.275 | -3.731 | -3.864 |
| Espanha | -854 | -1.415 | -1.246 | -1.265 |
| Austrália | -461 | -681 | -826 | -872 |
| Brasil | -365 | -597 | -764 | -727 |
| França | 26 | -255 | -486 | -567 |
| Itália | -402 | -555 | -422 | -512 |
| México | -357 | -334 | -399 | -494 |
| Reino Unido | -757 | -477 | -399 | -223 |
| Indonésia | -137 | -214 | -318 | -362 |
| Turquia | -206 | -276 | -314 | -419 |
| Canadá | -39 | -195 | -266 | -304 |
| Índia | -60 | -126 | -208 | -280 |
| Coréia do Sul | -187 | -105 | -85 | -103 |
| África do Sul | -65 | -56 | -30 | -31 |
| Argentina | 21 | 59 | 52 | nd |
| Rússia | -39 | 103 | 141 | 133 |
| Holanda | 23 | 138 | 282 | 428 |
| Cingapura | 333 | 380 | 519 | 631 |
| Arábia Saudita | nd | 435 | 584 | nd |
| Hong Kong, China | 528 | 735 | 711 | 732 |
| Suíça | 522 | 761 | 878 | 979 |
| Alemanha | 852 | 1.162 | 1.137 | 1.461 |
| China | 640 | 1.491 | 1.688 | 1.736 |
| Japão | 1.808 | 2.914 | 3.415 | 3.424 |

Fonte e nota: Fundo Monetário Internacional. Disponível: <http://imfstext.imf.org/WBOS-query/Index.aspx?QueryId=6325>. Acesso: 10 de outubro de 2013. Posição líquida é a diferença entre ativo externo e passivo externo no final do ano.

Na era da globalização um dos fatos mais marcantes é o fato de que os Estados Unidos deixaram de ser o maior credor para se tornar o maior devedor do mundo. Em 1986 o passivo externo dos Estados Unidos supera o seu ativo externo. Como mostra a Tabela 11, em 2012 o passivo externo dos Estados Unidos é US\$ 25,4 trilhões e o ativo externo é US\$ 21,3 trilhões, ou seja, a posição líquida de investimento internacional é negativa (US\$ 3,9 trilhões).

Tabela 11: Posição de investimento internacional dos Estados Unidos (US\$ milhões): 1976-2012

| | Ativos externos | Passivos externos | Posição líquida de investimento internacional |
|------|-----------------|-------------------|---|
| 1980 | 930 | 569 | 360 |
| 1985 | 1.287 | 1.226 | 62 |
| 1986 | 1.469 | 1.497 | -28 |
| 1990 | 2.179 | 2.409 | -230 |
| 2000 | 6.239 | 7.576 | -1.337 |
| 2007 | 18.400 | 20.196 | -1.796 |
| 2012 | 21.349 | 25.235 | -3.886 |

Fonte: U.S. Department of Commerce. Bureau of Economic Analysis. Disponível: <http://www.bea.gov/international/#IIP>. Acesso: 10 de agosto de 2013.

Apesar dessa situação externa devedora, os Estados Unidos na era da globalização ainda mantém elevado poder econômico em virtude de ser emissor da principal moeda internacional. No atual padrão monetário internacional o país (EUA) emissor da moeda-chave não enfrenta qualquer tipo de restrição externa, já que seu passivo “externo” é composto por obrigações denominadas na sua própria moeda (Serrano, 2002; Medeiros e Serrano, 2001). Essa não conversibilidade é sustentada pela ideia de que um dólar “*is as good as one dollar*”. Com isso, os EUA podem incorrer em déficits permanentes e crescentes em conta corrente sem se preocupar com o fato de seu passivo externo líquido estar aumentando. Assim, nos Estados Unidos a política macroeconômica (gestão da taxa de juros e dos gastos públicos) é focada exclusivamente nos problemas internos como, por exemplo, manutenção da competitividade dos seus setores industriais, ampliação dos seus setores financeiros, e combate à inflação e ao desemprego.

A posição do dólar no sistema monetária internacional ficou evidente durante a crise financeira 2008-2013, que teve como epicentro os Estados Unidos. A “fuga para a qualidade” dos investidores (privados e públicos) mundiais foi na direção dos títulos do

Tesouro norte-americano mesmo com a redução das taxas de juros para níveis próximos de zero. Isso evidenciou o papel desses títulos como ativos líquidos de última instância da economia mundial (Cintra e Martins, 2013; Pinto, 2011b).

A “força do dólar” possibilitou a superioridade financeira das empresas e, sobretudo, dos bancos norte-americanos; entretanto a apreciação cambial causa deterioração da competitividade da indústria manufatureira no território norte-americano. O elevado déficit na conta corrente do balanço de pagamentos dos Estados Unidos é a expressão dessa perda de competitividade. Isso não representa o enfraquecimento da grande empresa americana, mas sim a redução da competitividade dessas empresas localizadas em território nacional. Em busca de maior competitividade essas empresas terceirizam o seu processo de produção (por meio de contratos em escala global) ou deslocam suas fábricas para as regiões de menor custo relativo da mão de obra. Em consequência, há processo de redistribuição espacial e organizacional da produção manufatureira em escala global. A China como eixo dinâmico desse processo (Cintra e Martins, 2013; Pinto, 2011a).

3 Protagonismo da China

O crescimento da economia da China (9%-10% a.a entre 1980 e 2013), sobretudo nos anos 2000, esteve associado ao impressionante desenvolvimento de sua indústria e ao rápido processo de modernização (efetiva passagem do mundo rural ao urbano). Esses processos geraram profundas modificações nas estruturas produtiva e social da China. Em 1978, quando houve o *take-off*, o país tinha 956 milhões de habitantes e era um país eminentemente rural com taxa de urbanização de apenas 18,7%². Em 2010 a população chinesa saltou para 1.338 milhões de pessoas (aproximadamente 20% da população mundial) e tem havido processo acelerado de urbanização (44,9% da população total nas áreas urbanas).

Esse rápido processo de urbanização e modernização tem provocado tanto o aumento do consumo de energia, de bens duráveis e não duráveis e de alimentos, como também mudança no padrão de consumo. Vejamos alguns exemplos: *i*) o consumo *per capita* de energia elétrica aumento de 246,5 kwh em 1978 para 2.631,4 kwh em 2009 (crescimento médio ao ano de 30,2%); *ii*) a quantidade de telefones fixos e móveis por 100 pessoas, aumentou, respectivamente, de 0,98 para 22,0 e de 0,02 para 64,2 entre 1992 e 2010; e *iii*) o número de televisores a cores, automóveis e motocicletas por cada 100 famílias aumentou, respectivamente, de 69,0 para 124,6, de 0,2 para 6,5 e de 13,4 para 40,8 entre 1998 e 2010³. Apesar dessa elevação do consumo *per capita* de diversos produtos, a China ainda está muito distante do padrão de consumo *per capita* dos países desenvolvidos. Em 2009, por exemplo, os consumos *per capita* de energia elétrica nos Estados Unidos, na União Europeia e no Japão (12.913,7 kwh, 6.065,7 kwh e 7.819,1 kwh, respectivamente) são muito superiores ao consumo chinês.

A expansão econômica chinesa tem proporcionado a ascensão impressionante desse país que, cada vez mais, ocupa posição central na economia mundial. Pode-se afirmar que boa parte das transformações internacionais recentes, que configuram uma nova divisão

² Cabe ressaltar que em termos absolutos a população urbana de cerca de 178 milhões de pessoas já era superior a população urbana dos Estados Unidos, o país que detinha o maior número de moradores em áreas urbanas do mundo.

³ Esses dados foram obtidos na base Ceicdata. Disponível: <http://www.ceicdata.com>.

internacional do trabalho, decorrem dos efeitos direto e indireto do crescimento do PIB chinês. A China aumenta constantemente a sua participação no PIB global, em dólares PPP (que saltou de 2,2% em 1980 para 15,6% em 2013), e torna-se a segunda maior economia do mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Entre 1980 e 2000, a participação chinesa elevou-se de 2,2% para 7,1%, ao passo que entre 2000 e 2013 essa participação saltou de 7,1% para 15,6%) em virtude da crise internacional – que teve menor impacto negativo na China em relação aos demais países centrais (rever Tabela 2).

Com o aumento da participação do PIB chinês na economia mundial durante os anos 1990 e 2000 e com o elevado crescimento no período, a China passou a contribuir, cada vez mais, para o PIB global em dólares correntes. Entre 1991 e 2000, essa contribuição foi 8,4%, já entre 2001 e 2011 ela aumentou para 15,2%. Durante e após a crise internacional de 2008, a China passou a funcionar como a principal “locomotiva” do crescimento mundial. Em 2010, a sua participação no crescimento foi de 18,5%, ao passo que a economia dos Estados Unidos contribuiu com apenas 12,3% (Pinto, 2011a; Acioly, Pinto E Cintra, 2011).

A China vem desempenhando um novo papel na dinâmica asiática e mundial. A China tem papel de destaque tanto pelo lado da oferta global como pelo lado da demanda global. Na primeira, ela é o principal produtor e exportador mundial de produtos de tecnologia da informação (TI) e de bens de consumo industriais intensivos em mão de obra e em tecnologia destinados, principalmente, aos mercados americanos e europeus, e, portanto, transforma-se na “fábrica do mundo” (Medeiros, 2006; Pinto, 2011a). Em 2011, a China se tornou o país com a maior participação do valor adicionado da indústria de transformação mundial (20,7%) ultrapassando os Estados Unidos. Entre 2004 e 2011, essa participação da China cresceu de 9% para 20,7%, ao passo que as participações dos Estados Unidos, do Japão e da Alemanha decresceram de 23,9% para 17,3%, de 13,5% para 9,8% e de 7,8% para 6,4%, respectivamente (Tabela 12).

Tabela 12: Participação percentual do valor adicionado da indústria de transformação mundial: 1990-2011 (anos selecionados)

| | | 1990 | 2000 | 2004 | 2006 | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 |
|----|----------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 1 | China | nd | nd | 9,0 | 11,2 | 12,7 | 15,2 | 18,1 | 18,9 | 20,7 |
| 2 | Estados Unidos | 23,7 | 29,0 | 23,9 | 22,8 | 21,0 | 19,1 | 19,7 | 18,9 | 17,3 |
| 3 | Japão | 17,8 | 19,0 | 13,5 | 10,8 | 9,7 | 9,8 | 10,0 | 10,4 | 9,8 |
| 4 | Alemanha | 9,5 | 7,1 | 7,8 | 7,5 | 7,6 | 7,4 | 6,4 | 6,3 | 6,4 |
| 5 | Itália | 5,3 | 3,7 | 4,1 | 3,8 | 3,9 | 3,8 | 3,4 | 2,9 | 2,8 |
| 6 | Coreia do Sul | 1,5 | 2,5 | 2,6 | 2,9 | 2,8 | 2,4 | 2,3 | 2,7 | 2,8 |
| 7 | Brasil | 2,1 | 1,8 | 1,6 | 2,0 | 2,2 | 2,4 | 2,6 | 2,9 | 2,7 |
| 8 | Rússia | nd | 1,0 | 1,3 | 1,9 | 2,2 | 2,6 | 1,8 | 1,9 | 2,2 |
| 9 | França | 4,4 | 3,4 | 3,5 | 3,0 | 3,1 | 3,0 | 2,8 | 2,3 | 2,2 |
| 10 | Índia | 1,2 | 1,3 | 1,5 | 1,8 | 2,0 | 2,0 | 2,2 | 2,3 | 2,2 |

Fonte e notas: UNCTAD, UNCTADSTAT. Disponível: <http://unctadstat.unctad.org/>. Acesso: 20 de agosto de 2013. Países em ordem decrescente da participação em 2011. (nd) não disponível.

Pelo lado da demanda global, a China é um grande mercado consumidor: (i) para a produção mundial de máquinas e equipamentos de alta tecnologia e produtos finais, notadamente da Alemanha, do Japão e da Coreia do Sul e; (ii) para a produção de *commodities* (petróleo, minerais, produtos agrícolas etc.), e é importador líquido da Ásia, da África e também dos países latino-americanos.

Vale ressaltar que parte do dinamismo chinês decorre da integração produtiva entre esse país e os Estados Unidos. Essa integração (eixo sino-americano) pode ser descrita a partir de três circuitos (Pinto, 2011a): (1) investimento externo dos EUA na China (subsidiárias de empresas transnacionais com matriz nos EUA), cuja produção é orientada tanto para as exportações para os Estados Unidos como para o mercado interno chinês; (2) cadeias produtivas industriais globalizadas, por meio do comércio entre firmas, articulam as empresas americanas detentoras de grandes marcas mundiais e as grandes empresas de países asiáticos, (Japão, Hong Kong, Taiwan, Coreia do Sul etc.), que fornecem suprimento de máquinas, equipamentos, peças e componentes, para a indústria chinesa; esta, por seu turno, transforma e reexporta produtos acabados para o mundo, sobretudo para os EUA⁴; e, (3) segmento da indústria de consumo não durável (vestuário, material

⁴ De forma mais específica ao segundo circuito, Sturgeon (2002) e Whittaker *et al* (2008), após analisar vários casos da indústria americana (IBM, Nortel, Apple Computer, 3Com e Hewlett Packard), afirmam que essa nova forma de organização industrial (cadeia globais de produção) tem sido adotada pelas grandes empresas de *brand* dos Estados Unidos, especialmente as de eletrônica. Essas empresas, que detêm marcas mundiais (*brand*), vêm terceirizando o seu processo de produção (fabricação de peças e componentes e montagem final), ao mesmo tempo em que estabelecem o controle/coordenação significativo sobre o

esportivo, brinquedos, etc.), liderado pelas cadeias varejistas dos EUA, envolve as firmas da China e do seu entorno como fornecedores.

A articulação desses três circuitos faz com que a China se torne o centro global de montagem e produção de manufaturas. De fato, o rearranjo espacial e organizacional dos sistemas industriais promoveu a formação do “cluster” manufatureiro asiático em torno da China (Cintra e Martins, 2013; Pinto, 2011a).

Nesse novo rearranjo de organização industrial, as empresas chinesas ainda capturam um valor bem menor do que as grandes empresas americanas (de marcas mundiais) que permanecem no topo do processo da globalização produtiva. Portanto, parte dos déficits comerciais do EUA em relação à China esconde a geração de valor para as empresas americanas, que eleva substancialmente a lucratividade dessas empresas. Pelo lado da China, o tipo de participação de suas empresas na cadeia global não significa que elas sejam apenas maquiladoras, ao estilo mexicano (Branstetter e Lardy, 2006). Além das atividades de processamentos de exportações realizadas nas zonas especiais houve o desenvolvimento de capacidades tecnológicas que geraram impactos significativos sobre o conjunto do setor exportador e sobre o setor substituidor de importações (Medeiros, 2010). Na verdade, embora as empresas chinesas ainda participem das cadeias globais em posições inferiores (baixo valor agregado), o governo chinês tem utilizado instrumentos de financiamento e de política industrial com o objetivo de fortalecer as empresas e torná-las *players* no mercado mundial de forma que elas subam na hierarquia da cadeia de valor global. Dentre esses “grandes jogadores” chineses pode-se mencionar a Lenovo (computadores), a Huawei (equipamentos de telecomunicações), a Haier (eletrodomésticos e eletroeletrônicos) e a Chery Automobile (automóveis).

À medida que as empresas chinesas sobem “degraus” nas cadeias globais de valor – em virtude de suas estratégias tecnológicas e da elevação do preço da mão de obra – abrem-se espaços para a realocação de empresas nos países do ASEAN (Associação de Nações

processo produtivo globalizado, o que, por sua vez, lhes garante maior valor agregado das cadeias produtivas globalizadas.

do Sudeste Asiático)⁵. O governo e, sobretudo, as empresas chinesas têm, cada vez mais, explorado a complementaridade produtiva com seus vizinhos asiáticos. Em consequência, a China apresenta déficits comerciais com boa parte dos países do ASEAN, com a exceção do Vietnã, e o investimento externo chinês orienta-se para países em seu entorno.

Esse processo regional permitiu certa convergência do dinamismo econômico da China com o Leste Asiático, homogeneizando as taxas de crescimento com os países menores da região (Baumann, 2010). O elevado grau de competitividade das exportações chinesas é também fruto da complementaridade regional (comércio, investimento e estrutura produtiva) que aumentou significativamente a eficiência da produção, cuja origem, portanto, deve ser encarada como um bloco de países, e não apenas o país que o nome *made in* aparece gravado na mercadoria.

⁵ A ASEAN é formada pelos seguintes países: Tailândia, Filipinas, Malásia, Cingapura, Indonésia, Brunei, Vietnã, Mianmar, Laos e Camboja.

4 Protagonismo da China e transformações globais

O novo papel de produtor mundial das manufaturas assumido pela China e seu entorno tem provocado transformações estruturais e gerado processos marcantes na economia mundial. Dentre esses processos, cabe destacar: aumento significativo dos preços internacionais das *commodities*; aumento relativamente pequeno dos preços dos produtos manufaturados; melhora dos termos de troca dos países em desenvolvimento exportadores de produtos primários; e, melhora do padrão de consumo de massa em escala global (Castro, 2011; Pinto; 2011a):

A elevação dos preços internacionais das *commodities* e a manutenção desses preços em níveis altos pelos padrões históricos recentes decorrem do efeito direto e indireto da demanda chinesa e também da elevação dos custos de produção desses produtos. A Tabela 13 apresenta as variações dos preços das *commodities* (energia, alimentos e bebidas, matérias primas agrícolas e metais). Houve expressivo aumento dos preços de todas as *commodities* na década de 2000 em relação aos anos 1990. Boa parte dos preços das *commodities* cresceu acima de 7% (média anual) nos anos 2000. Os grupos de produtos energéticos e minerais foram os que apresentaram as maiores majorações de preços no referido período (14,7% e 13,7% a.a, respectivamente). Entre 2002 e 2012, as maiores altas dos preços das *commodities* foram observadas nos seguintes produtos: minério de ferro (41,2%), cobre (17,4%), soja (15,6%), petróleo cru (15%) e cereais (14,2%).

Tabela 13: Preços das *commodities* - variação média anual: 1992-2012 (%)

| Commodities | 1992-2002 | 2002-2012 |
|--|------------------|------------------|
| Energia (petróleo cru, gás natural e carvão) | 1,0 | 14,7 |
| Petróleo cru | 1,1 | 15,0 |
| Gás natural | 1,0 | 12,3 |
| Carvão | -1,9 | 14,8 |
| Alimentos e bebidas | -1,2 | 9,2 |
| Alimentos (inclui cereais, óleos vegetais, carne, frutos do mar, açúcar, bananas e laranjas) | -1,4 | 9,2 |
| Cereais (inclui trigo, milho, arroz e cevada) | -0,5 | 14,2 |
| Óleo Vegetal (inclui soja, farelo de soja, óleo de soja, óleo de canola, óleo de palma, óleo de girassol, azeite, farinha de peixe e amendoim) | -0,1 | 13,5 |
| Soja | -0,9 | 15,6 |
| Bebida (inclui café, chá e cacau) | 1,0 | 8,6 |
| Matérias-primas Agrícolas (inclui madeira, algodão, lã, borracha, etc.) | 0,2 | 3,9 |
| Metais (inclui cobre, alumínio, minério de ferro, estanho, níquel, zinco, chumbo e urânio) | -0,7 | 13,7 |
| Cobre | -2,0 | 17,4 |
| Alumínio | 0,5 | 3,5 |
| Minério de Ferro | -0,6 | 41,2 |
| Níquel | -0,2 | 7,3 |

Fonte: FMI, World Economic Outlook Database. Disponível: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2013/01/weodata>. Acesso: 20 de setembro de 2013.

O primeiro processo significativo – elevação de preços das *commodities* – resulta da expansão significativa da demanda chinesa. As taxas de expansão do consumo anual médio de energia primária e alimentos na China são muito maiores do que as taxas correspondentes para o resto do mundo (Tabela 14). Para ilustrar, no período 1991-2001, o consumo mundial de energia primária (carvão, petróleo, gás natural e hidroeleticidade) cresce à taxa média de 1,6% a.a. e a taxa correspondente para a China é 5,1%. No período seguinte (2001-11) esse diferencial é ainda maior (consumo mundial cresce 2,7% a.a. e o consumo chinês cresce 15,1% a.a.). O efeito China expressa a contribuição relativa da China para a expansão do consumo mundial. No período 1991-2001 o efeito China é 27,4% no caso da energia primária, ou seja, a China respondeu por mais de um quarto do crescimento do consumo mundial de energia primária. No período 2001-11 essa contribuição duplica – a China responde por mais da metade da expansão do consumo mundial. O efeito China também foi responsável pela expansão extraordinária do consumo mundial de produtos alimentícios, tais como soja e algodão.

Tabela 14: Consumo de energia e alimentos do mundo e da China - variação anual média (%): 1991-2001 e 2001-2010

| | | 1991-2001 | | | | 2001-2011 | | | |
|-----------|-------------------|-----------|-------|-----------------|--------------|-----------|-------|-----------------|--------------|
| | | Mundo | China | Mundo sem China | Efeito China | Mundo | China | Mundo sem China | Efeito China |
| Energia | primária total | 1,6 | 5,1 | 1,3 | 27,4 | 2,7 | 15,1 | 1,5 | 55,3 |
| | Carvão | 0,9 | 3,7 | 0,1 | 95,9 | 4,8 | 15,5 | 1,4 | 83,3 |
| | Petróleo | 1,4 | 8,7 | 1,1 | 24,3 | 1,2 | 10,2 | 0,7 | 50,4 |
| | Gás Natural | 2,3 | 7,3 | 2,2 | 2,5 | 2,8 | 37,7 | 2,7 | 13,5 |
| | Hidroeletricidade | 1,7 | 12,3 | 1,1 | 39,9 | 3,3 | 15,0 | 2,1 | 46,2 |
| Alimentos | | | | | | | | | |
| | Soja | 6,9 | 17,5 | 5,8 | 22,6 | 3,8 | 14,7 | 19,4 | 17,8 |
| | Algodão | 0,8 | 2,2 | 0,4 | 63,4 | 1,3 | 6,5 | -5,8 | 13,2 |
| | Milho | 2,6 | 4,8 | 2,1 | 31,3 | 3,9 | 5,3 | 35,5 | 2,7 |
| | Trigo | 0,7 | 0,3 | 0,7 | 9,1 | 1,7 | 1,1 | 11,5 | 3,4 |

Fonte e nota: USDA e *Statistical review of world energy full report 2012*. O efeito China expressa a contribuição relativa (em %) da China para a expansão do consumo mundial.

A evolução das importações não deixa dúvida a respeito do efeito China sobre a economia mundial. As importações chinesas (como proporção das importações mundiais) aumentaram de 3,9% em 2002 para 11,6% em 2012 (Tabela 15). O aumento da importância relativa na demanda mundial por importações é ainda mais evidente no grupo de produtos minerais (aumento de 11,2% em 2002 para 44,6% em 2012). Em 2012 a China responde por grande parcela das importações mundiais de produtos tais como: cobalto (82,6%); níquel (76,5%); minério de ferro (63,5%); e, soja em grãos (64,7%). No caso de produtos manufaturados o peso relativo da China no comércio mundial (importações) é mais significativo nos produtos intensivos em recursos naturais (madeiras, couros, peles, plásticos e borracha) e bens de capital (máquinas e aparelhos, material elétrico). Esse padrão de comércio, pelo lado das importações, é explicado tanto pela dotação de fatores (escassez relativa de recursos naturais) como pela acelerada acumulação de capital na China.

Tabela 15: Participação percentual das importações da China em relação às importações mundiais por grupos de produtos: 2002 e 2012

| Grupos de produtos | 2002 | 2012 |
|--|-------------|-------------|
| Animal | 2,2 | 5,0 |
| Vegetal | 3,7 | 12,8 |
| Cereais | 1,7 | 5,0 |
| trigo e centeio | 0,9 | 2,9 |
| Cevada | 11,6 | 17,3 |
| Aveia | 0,3 | 3,5 |
| Milho | 0,0 | 5,2 |
| Arroz | 2,1 | 7,1 |
| Sementes e frutos oleaginosos, grãos, etc. | 13,5 | 43,0 |
| Grãos de soja , mesmo triturada | 23,1 | 64,7 |
| Produtos alimentícios, bebidas e fumo | 1,1 | 3,0 |
| Minerais | 11,2 | 44,6 |
| Minérios, escórias e cinzas | 15,1 | 51,8 |
| ferro e seus concentrados | 22,7 | 63,5 |
| manganês e seus concentrados | 24,5 | 50,9 |
| cobre e seus concentrados | 15,1 | 33,5 |
| níquel e seus concentrados | 0,8 | 76,5 |
| cobalto e seus concentrados | 33,0 | 82,6 |
| alumínio e seus concentrados | 1,1 | 47,3 |
| Combustíveis | 3,5 | 10,0 |
| Indústria química | 4,5 | 7,9 |
| Plástico ou borracha | 7,8 | 12,3 |
| Couros e peles | 6,7 | 10,2 |
| Madeira | 5,3 | 10,5 |
| Têxteis e Vestuário | 4,4 | 6,4 |
| Calçados | 0,6 | 1,6 |
| Obras de pedra, cerâmica, vidros, etc | 1,9 | 3,6 |
| Metais | 6,9 | 9,7 |
| Máquinas e aparelhos, material elétrico | 6,9 | 11,2 |
| Material de transporte | 1,6 | 6,6 |
| Mercadorias e produtos diversos | 3,9 | 11,6 |

Fonte: Nações Unidas, COMTRADE. Disponível: <http://comtrade.un.org/>

A elevação dos preços das *commodities* também foi influenciada pelo aumento dos custos de produção decorrente da expansão da demanda mundial, inclusive, do efeito China. A expansão da oferta de produtos primários implica a exploração de minas, regiões agrícolas e poços de petróleo menos produtivos (por razões geológicas, tecnológicas e regulatórias). O deslocamento da demanda mundial (principalmente, via efeito China) e

as restrições de oferta (retornos decrescentes) provocam elevação extraordinária dos preços das *commodities* e cria, em certa medida, um piso mínimo para esses preços, dado o atual padrão tecnológico de exploração dos recursos naturais.⁶

O segundo processo marcante é a redução e/ou crescimento mais lento dos preços mundiais dos produtos industrializados em relação aos preços das *commodities*. Entre 2000 e 2012, o preço médio das manufaturas cresce 2,3% a.a., ao passo que os preços das *commodities* energéticas e não energéticas cresceram 16,7% e 8,7% a.a., respectivamente (Tabela 16).

Tabela 16: Variação de preços no mercado mundial segundo o tipo do produto: 2000-12

| | Manufaturas | Energia | Não-energia |
|-------|-------------|---------|-------------|
| 2000 | -1,9 | 54,6 | 0,3 |
| 2001 | -5,0 | -10,6 | -5,8 |
| 2002 | -0,6 | -1,8 | 5,3 |
| 2003 | 7,0 | 17,9 | 9,8 |
| 2004 | 7,7 | 31,2 | 16,5 |
| 2005 | 3,0 | 38,3 | 9,1 |
| 2006 | 2,2 | 17,6 | 25,1 |
| 2007 | 6,3 | 10,8 | 20,9 |
| 2008 | 7,8 | 40,0 | 20,3 |
| 2009 | -6,6 | -37,3 | -22,0 |
| 2010 | 3,3 | 26,5 | 22,5 |
| 2011 | 8,5 | 30,1 | 20,7 |
| 2012 | -2,1 | -0,4 | -9,5 |
| Média | 2,3 | 16,7 | 8,7 |

Fonte e notas: Banco Mundial. O índice de preços das *commodities* energéticas é composto pelos preços do carvão (4,7%), do petróleo (84,6%) e do gás natural (10,8%), já o índice de preço das *commodities* não energéticas é composto pelos seguintes preços: metais (31,6%), alimentos (64,9%) e fertilizantes (3,6). O índice de preço das manufaturas é formado pelos preços das exportações de manufaturas das quinze maiores economias desenvolvidas e em desenvolvimento destinadas às economias de renda baixa e média, em dólares americanos.

Essa evolução dos preços das manufaturas é decorrência da pressão competitiva da produção industrial da China destinada às exportações. Os determinantes básicos do comércio chinês são salários baixos, economias de escala e de escopo, e novas formas de

⁶ Serrano (2012) realiza interessante análise sobre o processo de elevação dos preços das *commodities* na década de 2000; no entanto, atribui peso excessivo aos custos de produção do petróleo e seus fatores geopolíticos. Portanto, a expansão da demanda (efeito China) tem papel secundário.

organização e gestão da produção (simplificação de produtos e processos, denominado de tecnologia frugal, e produção modular) que geram elevados ganhos de produtividade.

O terceiro processo importante resulta dos anteriores – melhora dos termos de troca dos países em desenvolvimento exportadores de *commodities*. Os termos de troca são medidos como a relação entre o índice do valor unitário das exportações e o índice de valor unitário das importações de bens. Entre 2000 e 2012, os índices dos termos de trocas das economias em desenvolvimento da África e da América do Sul cresceram 81,7% e 60,5%, respectivamente (Tabela 17). Nesse mesmo período, os termos de troca da China, dos países desenvolvidos da Ásia e da Europa decresceram 28,2%, 37,5% e 6,0%, respectivamente.

Tabela 17: Termos de troca - China e regiões: 2000-2012 (anos selecionados, 2000 = 100)

| | 2005 | 2010 | 2011 | 2012 |
|-------------------------------------|-------|-------|-------|-------|
| Economias em desenvolvimento | | | | |
| China | 87,2 | 74,7 | 70,3 | 71,8 |
| África | 131,9 | 162,4 | 180,7 | 181,7 |
| América | 109,9 | 128,8 | 138,8 | 136,1 |
| América do Sul | 115,6 | 152,5 | 166,2 | 160,5 |
| Ásia | 98,1 | 95,4 | 94,9 | 95,6 |
| Sudeste asiático | 95,8 | 95,9 | 95,5 | 94,7 |
| Economias desenvolvidas | | | | |
| América | 102,3 | 104,1 | 102,4 | 101,7 |
| Ásia | 83,9 | 69,4 | 63,3 | 62,5 |
| Europa | 98,5 | 96,4 | 94,6 | 94,0 |

Fonte e notas: UNCTAD, UNCTADSTAT. Disponível: <http://unctadstat.unctad.org/>. Acesso: 11 de setembro de 2013.

Esse terceiro processo possibilita aos países exportadores de *commodities*, sobretudo os africanos e latino-americanos, relaxar as restrições externas ao crescimento econômico. Para alguns países, a depender da estrutura produtiva interna, a melhora nos termos de troca representa um bônus macroeconômico visto que possibilita maior crescimento sem gerar graves desequilíbrios externos e internos (Fiori, 2011; Pinto e Balanco, 2012).

O quarto e último processo relevante é a ampliação, em escala global, do padrão de consumo de massa em virtude da mudança de preços relativos de manufaturas e salários. Essa mudança de preços relativos tem permitido que segmentos da população mundial,

que até então viviam na condição de subsistência (pobreza absoluta) nos países em desenvolvimento, notadamente os asiáticos, tenham acesso a bens de consumo não duráveis e duráveis da indústria de transformação.

A Tabela 18 deixa evidente a redução significativa da pobreza absoluta. Entre 1999 e 2010 ocorre significativa redução do número absoluto de pessoas que ganham menos de US\$ 2 por dia (PPP). Esse fenômeno ocorre em boa parte dos países em desenvolvimento: 524 milhões na Ásia Oriental e Pacífico; 25 milhões na Europa e Ásia Central; 49 milhões na América Latina e Caribe; e 20 milhões no Oriente Médio e Norte da África. Apenas nos países em desenvolvimento da África subsaariana verifica-se aumento absoluto do número de pobres (103 milhões), a despeito da queda relativa na participação de pobres (que ganham menos do que US\$ 2 por dia (PPP)) na população total de 77,4% em 1999 para 69,9% em 2010.

Tabela 18: População e pobreza nas regiões em desenvolvimento (população em milhões): 1999 e 2010

| | 1999 | | | 2010 | | | 1999-2010 |
|---------------------------------|-----------|------------------------|-----------------|-----------|------------------------|-----------------|----------------------------|
| | População | Pobreza % da população | População pobre | População | Pobreza % da população | População pobre | Varição da população pobre |
| Ásia Oriental e Pacífico | 1.794 | 61,7 | 1.108 | 1.964 | 29,7 | 584 | -524 |
| Europa e Ásia Central | 256 | 12,1 | 31 | 268 | 2,4 | 6 | -25 |
| América Latina e Caribe | 493 | 22 | 108 | 568 | 10,4 | 59 | -49 |
| Oriente Médio e Norte da África | 272 | 22 | 60 | 328 | 12 | 40 | -20 |
| África subsaariana | 646 | 77,4 | 500 | 863 | 69,9 | 603 | 103 |
| Mundo | 6.022 | - | - | 6.885 | - | - | |

Fonte e nota: Banco Mundial. Pobreza refere-se aos indivíduos que ganham menos que US\$ 2 por dia (PPP – paridade do poder de compra).

A redução da pobreza absoluta, notadamente nos países em desenvolvimento, associada ao menor crescimento dos preços das manufaturas têm possibilitado a ampliação do consumo dos produtos industrializados, sobretudo nos países da Ásia. Ou seja, a terceira e quarta tendências são convergentes.

4 Conclusão

Este artigo examina as principais transformações na era da globalização econômica, bem como seus impactos sobre o poder efetivo dos países de maior importância na arena internacional. Os principais resultados são: a redução relativa do poder econômico efetivo dos Estados Unidos; o crescente poder efetivo da China na economia mundial; e, a significativa vulnerabilidade externa estrutural de algumas das principais economias do mundo em desenvolvimento, com destaque para o Brasil.

A análise da evolução do poder efetivo dos países na era da globalização abarca as esferas comercial, produtiva, tecnológica, monetária e financeira. A característica marcante da globalização comercial é o aumento extraordinário da competitividade internacional da China no sistema mundial de comércio de bens. A China tornou-se o mais importante exportador de bens do mundo, seguida dos Estados Unidos e da Alemanha.

No que se refere à globalização produtiva, há perda de importância relativa dos EUA como receptor de investimento estrangeiro direto (IED, estoque). No caso da China a participação no estoque mundial de IED está muito aquém da participação deste país na renda mundial. Isto implica baixo coeficiente de desnacionalização da economia chinesa; ou seja, baixo grau de vulnerabilidade externa estrutural na esfera produtivo-real.

A globalização tecnológica deriva de novo paradigma assentado na informática e nas telecomunicações. Os países desenvolvidos como Estados Unidos, Reino Unido, Alemanha, Canadá e França têm os mais avançados sistemas nacionais de inovação. No conjunto dos países em desenvolvimento o destaque é a China, que ocupa a 25ª posição no *rank* mundial.

A esfera monetário-financeira internacional se expande extraordinariamente na era da globalização. A globalização monetária implica mudança significativa na distribuição da riqueza financeira mundial. Mais uma vez, há o protagonismo da China, que tem 29% das reservas mundiais e 21% dos títulos do Tesouro dos Estados Unidos que estão nas mãos de estrangeiros. Entretanto, o dólar e o euro respondem por 85% das transações no mercado de câmbio global.

As mudanças no sistema monetário e no sistema financeiro internacional refletem-se em desequilíbrios de estoque que caracterizam situações de vulnerabilidade externa estrutural

na esfera financeira. Os Estados Unidos têm o mais elevado passivo externo líquido, seguido da Espanha, Austrália e Brasil. No conjunto dos países mais importantes, os que têm os mais elevados ativos externos líquidos são Japão, China e Alemanha. Portanto, esses países têm baixa vulnerabilidade externa estrutural na esfera financeira. O Brasil é, de longe, o país em desenvolvimento que tem o mais elevado passivo externo líquido e, portanto, apresenta a maior vulnerabilidade externa estrutural financeira.

O crescimento da economia da China tem estado associado ao impressionante desenvolvimento de sua indústria e ao rápido processo de modernização (efetiva passagem do mundo rural ao urbano). Entretanto, parte do dinamismo chinês decorre da integração produtiva entre esse país e os Estados Unidos. Essa integração (eixo sino-americano) pode ser descrita a partir de três circuitos: (1) investimento externo dos EUA na China; (2) cadeias produtivas industriais globalizadas comandadas, em boa medida, por empresas estadunidenses e, (3) segmento da indústria de consumo não durável (vestuário, material esportivo, brinquedos, etc.), liderado pelas cadeias varejistas dos EUA, que envolve as firmas da China e do seu entorno como fornecedores. A articulação desses três circuitos faz com que a China se torne o centro global de montagem e produção de manufaturas. De fato, o rearranjo espacial e organizacional dos sistemas industriais promoveu a formação do “cluster” manufatureiro asiático em torno da China.

O novo papel de produtor mundial das manufaturas assumido pela China e seu entorno tem provocado processos importantes na economia mundial. Dentre esses processos, cabe destacar: aumento significativo dos preços internacionais das *commodities*; aumento relativamente pequeno dos preços dos produtos manufaturados; melhora dos termos de troca dos países em desenvolvimento exportadores de produtos primários; e, melhora do padrão de consumo de massa em escala global

As análises não deixam dúvidas a respeito, de um lado, da redução do poder econômico dos Estados Unidos, e, de outro, da manutenção do elevado poder efetivo desse país. Os EUA têm a moeda de curso internacional (dólar), importante capacidade de inovação tecnológica, abundância de recursos naturais e um mercado doméstico com extraordinário poder aquisitivo. Portanto, os EUA mantêm o *status* de “locomotiva” da economia mundial.

Não há dúvida que a evolução da economia chinesa tem significativos impactos sobre o desempenho da economia mundial. Podemos afirmar que a China hoje assumiu a posição de destaque, principalmente, nas esferas produtiva e comercial das relações econômicas internacionais. Em consequência, a China é a protagonista de uma dos eixos estruturantes da globalização que é o aumento da contestabilidade (acirramento da concorrência) no mercado internacional. Entretanto, a economia chinesa não substituiu os Estados Unidos como locomotiva da economia mundial. Muito pelo contrário, o que se observa é a crescente interdependência e o maior equilíbrio na correlação de forças entre as duas maiores potências mundiais. Na realidade, há a interdependência crescente entre o Capitalismo de estado chinês, comandado pelo Partido Comunista, e o Capitalismo liberal estadunidense, no qual o poder do grande capital é determinante.

Interdependência e equilíbrio entre superpotências podem aumentar a propensão à harmonia na arena internacional. Entretanto, cabe argumentar que essa dinâmica de rivalidade e interdependência é balizada pela trajetória de tripolaridade. Nessa trajetória, a hipótese é que a arena internacional passa a contar com três pilares: Estados Unidos, China e Alemanha. A implicação é que a era da globalização tem como herança, não a multipolaridade, mas, sim, a tripolaridade, com maior concentração de poder econômico e político no Capitalismo global. Esse é outro tema de grande relevância na agenda de investigação sobre governança global. Nessa agenda, países como Brasil, com enorme base material de poder, mas com elevada vulnerabilidade externa estrutural (Modelo Liberal Periférico), tornam-se simples figurantes.

Bibliografia

- ACIOLY, L.; PINTO, E. C.; CINTRA, M. China e Brasil: oportunidades e desafios. In: LEÃO, R.; PINTO, E.; ACIOLY, L. (Org.). **A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011.
- BAUMANN, R. **Regional Trade and Growth in Asia and Latin America: the importance of Productive Complementarity**. Brasília: CEPAL, 2010.
- BRANSTETTER, L. ; LARDY, N. China's embrace of globalization. **NBER Working Paper**, No 12373. Cambridge, MA: NBER, 2006.
- CASTRO, A. B. As novas tendências pesadas que estão moldando a economia mundial. In: CASTRO, A. C.; CASTRO, L. B. (Orgs.) **Antonio Barros de Castro: o inconformista - homenagem do Ipea ao Mestre**. Brasília: IPEA, 2011.
- CINTRA, M.; MARTINS, A. **O papel do dólar e do renminbi no sistema monetário internacional**. Mimeo. Brasília: IPEA, 2013.
- DIEGUEZ, F. Subelevação na Ásia. **Retrato do Brasil**, nº 42, p. 34-38, jan, 2011.
- FIORI, J. L. Brasil e América do Sul: o desafio da inserção internacional. In: ACIOLY, L.; CINTRA, M. **Inserção internacional soberana: temas de política externa**. Brasília: IPEA, livro 3, vol. 1, 2011.
- GONÇALVES, Reinaldo. **Economia Política Internacional. Fundamentos Teóricos e as Relações Internacionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- GONÇALVES, R. **Desenvolvimento às Avessas. Verdade, má-fé e ilusão no atual modelo brasileiro de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- IMF. **World Economic Outlook database**. Washington: International Monetary Fund. Disponível:
<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/01/weodata/index.aspx>.
Acesso: 11 de setembro de 2013.
- MEDEIROS, C. ; SERRANO, F. Inserção Externa, Exportações e Crescimento no Brasil, in FIORI, J. L. & MEDEIROS, C. A. (org.), **Polarização Mundial e Crescimento**. Petrópolis: Vozes, 2001.

- MEDEIROS, C. A. Integração produtiva: a experiência asiática e algumas referências para o Mercosul. In: ALVAREZ, R.; BAUMANN, R.; WOHLERS, M. (orgs.) **Integração Produtiva: caminhos para o Mercosul**. Brasília: Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial, p. 252-303, 2010.
- OECD. **Implications of Global Value Chains for Trade, Investment, Development and Jobs**. OECD, WTO, UNCTAD. Prepared for the G-20 Leaders Summit. São Petersburgo, 6 August 2013. Disponível: http://unctad.org/en/PublicationsLibrary/unctad_oecd_wto_2013d1_en.pdf. Acesso: 16 de setembro de 2013.
- PINTO, E. O eixo sino-americano e as transformações do sistema mundial. In: LEÃO, R.; PINTO, E.; ACIOLY, L. (Org.). **A China na nova configuração global: impactos políticos e econômicos**. Brasília: Ipea, 2011a.
- PINTO, E. A crise americana: dívida, desemprego e política. **Boletim de Economia e Política Internacional**, v. 8, p. 7-26, 2011b.
- PINTO, E.; BALANCO, P. Transformações do capitalismo contemporâneo e os impactos para a América Latina: retrospectivas, mudanças e perspectivas. **Revista Olho da História**, nº 19, dez., 2012.
- SERRANO, F. Do ouro imóvel ao dólar flexível. **Economia e Sociedade**, nº 20, 2002.
- SERRANO, F. **Notes for a Sraffian interpretation of the change in the trend of terms of trade in in the 2000s**. Mimeo. UFRJ, 2012.
- STURGEON, T. Modular production networks: a new American model of industrial organization. **Industrial and Corporate Change**, vol. 11, nº 3, pp.451-496, 2002.
- UNCTAD. **World Investment Report. 2013. Global Value Chains: Investment and Trade for Development**. Genebra, United Nations Conference on Trade and Development, 2013.
- WHITTAKER, D.; ZHU, T. ; STURGEON, T.; TSAI, M.; OKITA, T. Compressed development. **Working Paper Series**, nº 08-005, IPC/MIT, 2008.

WORLD BANK. **World Development Indicators database**. Washington: The World Bank.

Disponível: <http://data.worldbank.org/data-catalog/world-development-indicators>.

PINTO, E.; BALANCO, P. Transformações do capitalismo contemporâneo e os impactos para a América Latina: retrospectivas, mudanças e perspectivas. **Revista Olho da História**, nº 19, dez., 2012.

SERRANO, F. Do ouro imóvel ao dólar flexível. **Economia e Sociedade**, nº 20, 2002.

SERRANO, F. **Notes for a Sraffian interpretation of the change in the trend of terms of trade in in the 2000s**. Mimeo. UFRJ, 2012.

STURGEON, T. Modular production networks: a new American model of industrial organization. **Industrial and Corporate Change**, vol. 11, nº 3, pp.451-496, 2002.

UNCTAD. **World Investment Report. 2013. Global Value Chains: Investment and Trade for Development**. Geneva, United Nations Conference on Trade and Development, 2013.

WHITTAKER, D. ; ZHU, T. ; STURGEON, T.; TSAI, M.; OKITA, T. Compressed development. **Working Paper Series**, nº 08-005, IPC/MIT, 2008.

WORLD BANK. **World Development Indicators database**. Washington: The World Bank.

Disponível: <http://data.worldbank.org/data-catalog/world-development-indicators>.